



Literatura indígena em sala de aula: uma proposta de letramento literário a partir da obra *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*, de Daniel Munduruku

Indigenous literature in the classroom: a proposal for literary literacy based on *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*, by Daniel Munduruku

Cristiane Conde¹

Severino Rodrigues²

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de letramento literário a partir da obra *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*, de Daniel Munduruku, com foco em alunos do Ensino Médio. Muitas vezes, em sala de aula, os jovens leitores não têm contato com a literatura contemporânea e, sobretudo, com obras de vozes indígenas. Por isso, a urgência de propostas como esta. Para tanto, nosso referencial teórico se fundamenta nos trabalhos de Cosson (2016, 2020), Munduruku (2009), Thiél (2012), Yunes (2019) e Alves (2021).

Palavras-chave: Literatura indígena; Letramento literário; Sequência Expandida; *O Karaíba*; Daniel Munduruku.

Abstract: This work presents a proposal for literary literacy based on the book *O Karaíba: uma História do pre-Brasil*, by Daniel Munduruku, focusing on high school students. In the classroom, young readers have no contact with contemporary literature and works by indigenous voices. A proposal like this is urgent. To this end, our theoretical framework is based on the works of Cosson (2016, 2020), Munduruku (2009), Thiél (2012), Yunes (2019) and Alves (2021).

Keywords: Indigenous literature; literary literacy; expanded sequence; *O Karaíba*; Daniel Munduruku.

Primeiras considerações

Este trabalho tem como objetivo propor uma sequência expandida – a partir de uma obra de autoria indígena – como estratégia de letramento literário com foco em alunos do Ensino Médio. Nessa etapa da formação escolar, os estudantes já possuem bagagem de leituras que lhes permite compreender a literatura como uma construção

¹ Doutoranda em Letras (PPGL/UFPB). Docente de Língua Portuguesa no IFPE Campus Barreiros. E-mail: cristianeconde@barreiros.ifpe.edu.br

² Doutorando em Letras (PPGL/UFPB). Docente de Língua Portuguesa no IFPE Campus Barreiros. E-mail: severino.rodrigues@barreiros.ifpe.edu.br

cultural e perceber que há diversas formas de expressão literária diferentes das usualmente trabalhadas em sala de aula. Muitas vezes, entretanto, os jovens leitores não têm contato com a literatura contemporânea e, sobretudo, com obras de vozes indígenas.

Para Munduruku (2009), o saber indígena, alimento das tradições originárias, tem permanecido fiel aos princípios fundadores e desnorteia, desde os primeiros invasores até os invasores do nosso tempo, visto que a educação indígena só pode ser entendida por meio da indissociável tríade corpo-mente-espírito. Ainda que essa relação não seja compreendida pelo pensamento ocidental, é necessário aproveitar este momento atual de maior abertura das experiências culturais para apresentação desses valores que, apesar de tudo, sobrevivem.

Nesse caminho, Alves (2021), analisando a produção literária contemporânea para crianças e jovens, observa que as obras de autoria indígena, como as de Daniel Munduruku, estão relacionadas com a própria cosmologia indígena, abandonando ideologias coloniais e desconstruindo um olhar estereotipado. Além disso, defende a Literatura como materialidade discursiva que colabora efetivamente no reconhecimento e na valorização da diversidade e na luta por igualdade étnico-racial. Thiél (2012) também argumenta nesse sentido ao enfatizar que a inserção da literatura de autoria indígena em sala de aula permite o contato dos jovens com múltiplas possibilidades de leitura e estimula o desenvolvimento da cidadania.

Após refletirmos sobre o urgente (re)conhecimento da literatura de autoria indígena na escola, a proposição que impulsiona este trabalho é: como desenvolver estratégias de leitura com vistas ao letramento literário de obras de autoria indígena? Para responder a essa questão, elaboramos, como sugestão, uma sequência expandida a partir da obra *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*, de Daniel Munduruku, com ilustrações de Mauricio Negro, e que recebeu o Selo Seleção da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio.

Esse livro foi selecionado por pertencer à literatura juvenil brasileira contemporânea tendo, além de uma história original, a autoria de uma das vozes mais representativas entre nossos escritores indígenas. O título é um verdadeiro contraponto às demais obras literárias para os jovens leitores. *O Karaíba* trata-se de um “romance de (in)formação” (YUNES, 2019) em que a história de um povo é contada por meio dos seus saberes e aventuras. A narrativa transcorre desde as lembranças e receios do jovem Perna Solta, que rememora a profecia da chegada dos invasores portugueses feita pelo

velho Karaíba, até o dia em que o garoto Cunhambebe vê “um cisco branco que ‘surfava’ sobre as águas salgadas” (MUNDURUKU, 2018).

Assim, mergulhados na leitura do romance, tomamos como princípios norteadores os trabalhos do professor Rildo Cosson (2016, 2020) acerca da sequência expandida como estratégia para desenvolver o letramento literário. Além disso, contamos com a orientação da professora Cássia Maria Bezerra do Nascimento que coordenou, na disciplina Letramento Literário, ofertada na UFPB em 2022.1, a construção de sequências expandidas para instrumentalizar docentes no ensino básico como parte do projeto de pesquisa *Literatura na Escola*.

Uma proposta de letramento literário: a sequência expandida

Para Cosson (2016), a sequência expandida articula experiência, saber e educação literários no âmbito do letramento na escola. Para além das aulas de literatura em seus moldes tradicionais, com base na historiografia literária, “é preciso confiar na força do texto literário e na capacidade de leitura de nossos alunos. É na experiência da leitura [...] que reside o saber e o sabor da literatura” (COSSON, 2016, p. 107). Por isso, entendemos a sequência expandida como uma proposta metodológica que visa efetivamente à verdadeira apropriação do texto literário pelos alunos. A sequência expandida se materializa por meio das seguintes etapas: *motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação, expansão e avaliação*. A seguir, apresentamos cada uma delas, indicando também as possibilidades de realização a partir da obra *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*, de Daniel Munduruku.

Motivação

A motivação é a primeira etapa da sequência expandida. Esse é o momento em que o professor prepara o aluno para entrar no texto. Sugerimos que essa atividade envolva práticas de leitura, escrita e oralidade, visto que, como bem observa o professor Rildo Cosson (2016): “as atividades integradas de motivação tornam evidente que não há sentido em separar o ensino de literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro” (COSSON, 2016, p. 57). Caberá, entretanto, ao professor, de acordo com a dinâmica desenvolvida em sua sala de aula, decidir se o momento de motivação deve estar centrado em atividades exclusivamente orais ou

escritas. Atentamos para o fato de que a motivação não deve ultrapassar o tempo de uma hora-aula.

Nossa primeira sugestão de atividade motivadora consiste em desambiguar as definições dos vocábulos “índio” e “indígena”. Para isso, sugerimos que o professor inicie um debate pedindo que os alunos falem sobre o que essas palavras significam e representam. A seguir, sugerimos que o professor apresente o vídeo *Índio ou Indígena*, de Daniel Munduruku, gravado durante a edição do Mekukradjá 2018 (disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=4Qcw8HKFQ5E>). Após o vídeo, indicamos que a turma seja dividida em grupos e que seja solicitado que cada grupo produza por escrito uma definição dos termos e que apresente para toda a turma. A seguir, o professor retoma o debate, agora norteando a reflexão para a desambiguação dos conceitos.

Como uma segunda sugestão, propomos que se realize uma reflexão acerca do que significa ser indígena no Brasil. Em primeiro lugar, o professor deverá iniciar um debate questionando a turma sobre quem são os indígenas brasileiros e qual o seu lugar. Em segundo, o professor poderá apresentar uma entrevista com o escritor e ambientalista indígena Ailton Krenak, que fala sobre os avanços e recuos na situação dos povos indígenas no Brasil, desde a Constituição de 1988 até os dias de hoje (disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=urjJJwpGMJQ>). A seguir, a depender da dinâmica adotada pelo professor, solicita-se que, em duplas ou trios, os alunos registrem em um parágrafo qual o lugar dos povos indígenas no Brasil. Depois, o debate é retomado e as impressões serão compartilhadas com o grande grupo. Importante reforçar que as atividades de motivação devem durar o tempo de uma aula, para que não se distanciem de nosso objetivo maior: a leitura literária.

Introdução

A introdução consiste na etapa de apresentação do autor e da obra aos alunos. Segundo Cosson (2016), “cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando sua escolha. Nessa justificativa, usualmente, se evita fazer uma síntese da história pela razão óbvia, assim, se eliminar o prazer da descoberta” (COSSON, 2016, p. 60). Essa etapa também tem duração aproximada de uma hora. Diante disso, sugerimos dois modos de introduzir.

Antes de apresentar a obra propriamente dita, o professor pode ler com os alunos a biografia do autor (presente na página 127 do livro *O Karaíba*). A partir dessa leitura, o professor pode questionar aos alunos se já conhecem o autor ou se já leram outras obras dele. A seguir, o professor pode discutir sobre a funcionalidade do gênero biografia para compreensão dos aspectos mais importantes da vida de uma pessoa. Depois, o professor deverá solicitar aos alunos que produzam uma nova biografia a partir das discussões realizadas, incluindo as novas informações encontradas em outros livros do autor ou na internet.

Uma outra sugestão de introdução pode ser realizada por meio de uma entrevista em vídeo. Como indicação, a entrevista de Daniel Munduruku ao programa Super Libris, do SescTV³. Ela é muito interessante, pois aborda questões como a literatura indígena e a relação desses autores com o mercado editorial. O professor deve abordar também as características do gênero entrevista como importante instrumento para coleta de dados e conhecimento. A seguir, poderá solicitar aos alunos que, em duplas ou trios, elaborem uma resenha das principais ideias apresentadas pelo autor.

Leitura

A escolha do ambiente de leitura (sala de aula ou extraclasse) será definida pelo docente conforme realidade da escola e da turma. Assim, caberá também ao professor, de acordo com as especificidades de sua vivência, definir o tempo direcionado a essa etapa da sequência expandida. Aqui, propomos que a leitura seja realizada de maneira alternada. Sugerimos que o momento do primeiro contato com a leitura seja vivenciado em sala de aula e os demais sejam extraclasse. Ressaltamos que na sequência proposta por Cosson (2016) um importante termômetro para que o professor acompanhe a leitura dos alunos é o Intervalo que consiste em realizar uma atividade que, paralela à leitura, suscite reflexões e associações ao que está sendo vivenciado com a leitura do livro.

O Karaíba é uma narrativa “dividida em dezenove capítulos, em que o autor indígena conta uma história que precede a colonização portuguesa às nossas terras” (ALVES, 2021). A partir disso, nossa sugestão é que a leitura seja dividida em três partes: a primeira, do primeiro capítulo ao sétimo (ou seja, até página 51); a segunda, do oitavo ao décimo terceiro capítulo (da página 52 à página 84); e a última parte, do décimo quarto ao último capítulo (da página 85 à página 125).

³ Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=HQSWmDuWEKE>

Leitura 1

Na primeira semana, ocorre a leitura do primeiro capítulo ao sétimo, ou seja, até página 51. Vale ressaltar, sugerimos aqui, que a leitura do primeiro capítulo seja realizada em sala de aula.

Intervalo 1

Para o primeiro intervalo, propomos que seja apresentada a música *Todo dia era dia de índio*, lançada em 1981 por Baby do Brasil (disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ITjmMCFfXi0>). O objetivo aqui é investigar estereótipos e construir contrapontos, a partir do que apresenta o trecho da primeira leitura realizada. Assim, após a escuta da música, propomos que o professor realize um debate questionando quais os estereótipos presentes na canção e o que há de construído e desconstruído nos dias de hoje. Espera-se que eclodam comparações com a cultura dos povos indígenas ancestrais apresentada nos capítulos lidos. Após o debate, o professor pode solicitar que os alunos listem em um diário de leitura ou no caderno os estereótipos que ainda precisam ser desconstruídos em relação aos povos indígenas em nossa sociedade.

Leitura 2

Na segunda semana, leitura do oitavo ao décimo terceiro capítulo, ou seja, da página 52 à página 84.

Intervalo 2

Sugerimos para este momento que seja realizada uma atividade de leitura e debate a partir de poemas de autoria de Márcia Wayna Kambeba, do povo Omágua/Kambeba do Alto Solimões (AM), poeta, cantora, compositora, ativista indígena e mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A escritora aborda em seus trabalhos a identidade dos povos indígenas, a questão da territorialidade e do espaço das mulheres nas aldeias. Os poemas sugeridos são *Silêncio Guerreiro*, *Ser indígena – Ser omágua*, *Tana Kumuera Ymimiua [nossa língua ancestral]*, *Ay*

kakuyri tama [Eu moro na cidade] e *Território ancestral* (disponíveis em: <https://livroecafe.com/2020/07/15/5-poemas-de-marcia-wayna-kambeba/>).

O professor divide a turma em cinco grupos, que receberão um poema diferente. Cada grupo deverá apresentar seu poema para a turma e falar sobre como a leitura os atravessou e quais as reflexões que construíram ao vivenciá-la. A seguir, o professor poderá solicitar que os estudantes registrem individualmente as impressões que mais impactaram após o debate, podendo utilizar nesse momento mais uma vez o diário de leitura ou o caderno. Espera-se que os alunos relacionem os temas tratados nos poemas às questões identitárias apresentadas nos capítulos da narrativa, e especialmente com a personagem Potyra.

Leitura 3

Na terceira semana, ocorre a leitura do décimo quarto ao último capítulo, ou seja, da página 85 à página 125.

Intervalo 3

Para este momento, propomos a leitura e análise de fotografias de autoria de Sebastião Salgado, um dos maiores fotógrafos brasileiros, destacado mundialmente pela conotação social de sua lente. A série de imagens que sugerimos apresenta o povo Korubo, uma etnia amazônica que vive isolada e tem contato mínimo com povos não indígenas⁴ O objetivo é discutir sobre a vulnerabilidade dos povos remanescentes. A proposta é que as imagens sejam apresentadas de modo ampliado por meio de um projetor. A seguir, o professor deve solicitar que os alunos pesquisem outras fotografias (de Sebastião Salgado ou de outros profissionais) e reflitam sobre o futuro da população indígena remanescente e sobre o papel de cada cidadão brasileiro diante do quadro. Espera-se que sejam construídas associações com as discussões realizadas e que a questão do porvir apresentada na narrativa de Daniel Munduruku permeie as discussões. Depois, o professor deve solicitar que os alunos montem uma exposição por meio de um varal poético-fotográfico.

⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/album/1533316557_546856.html.

Primeira interpretação

A primeira interpretação, conforme ressalta Cosson (2016, p. 83) tem a função precípua de “levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor”. Ressaltamos a importância do caráter individual reforçado por Cosson (2016) para esta atividade: diferentemente dos momentos de **Motivação**, de **Introdução** e de **Leitura**, em que as atividades coletivas têm papel preponderante, aqui, o olhar para a leitura é individual, cabendo ao professor verificar se a compreensão da leitura do aluno se materializou.

Aqui, consideramos que a produção de um ensaio seja uma estratégia pertinente. Utilizando o tempo de uma aula, o professor poderá solicitar aos alunos que individualmente produzam um ensaio sobre o que mais lhe impactou na obra lida. O roteiro para essa produção poderá ser impulsionado por questões anteriormente elaboradas pela turma ou elaboradas individualmente por cada aluno e distribuídas no momento da atividade; ou ainda por um norte temático definido em comum acordo entre o professor e os alunos. Para fins de registro, há várias possibilidades para a materialização desse texto. Sugerimos, além do próprio gênero ensaio, dentre outros caminhos, o diário de leitura, o mural da leitura e a criação de vídeos (no formato das resenhas encontradas nas redes sociais, como TikTok, Instagram e YouTube) com os textos da turma.

Contextualização

Segundo Cosson (2016, p. 86) “a contextualização compreende o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo. [...] O número de contextos a serem explorados em uma obra é teoricamente ilimitado.” Assim, a fim de explorar tudo aquilo que faz a obra literária como um objeto artístico e cultural, a contextualização corresponde à etapa de aprofundar e extrapolar os sentidos do texto literário. Sugerimos, então, dois modos de contextualizar.

Contextualização Teórica – Ao falar sobre literatura de autoria indígena, é preciso compreender também o que significa o conceito *lugar de fala*. Para isso, indicamos, nesse momento, uma atuação conjunta do professor de Língua Portuguesa e do professor de Sociologia para a efetivação de um trabalho interdisciplinar que

aprofundará a discussão em torno desse conceito atual e urgente. Como leitura balizadora dessa discussão, a sugestão é o livro *O que é lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro. O professor de Língua Portuguesa deve solicitar ao professor de Sociologia a apresentação de um seminário acerca desse conceito para aprofundamento e discussão. Em seguida, o professor de Língua Portuguesa deve solicitar aos alunos que, divididos em grupos, produzam por escrito uma definição do termo no formato de verbete de dicionário e que apresentem para toda a turma.

Contextualização Temática – Indicamos a elaboração de um seminário sobre a cultura indígena a partir da leitura de *O Karaíba*. Para tanto, sugerimos o trabalho conjunto com os professores de Artes, História e Geografia a fim de que os alunos possam pesquisar temas como alimentação, dança, pinturas rupestres, lendas, entre outros, tendo, vale destacar, o texto literário como ponto de partida. Os tópicos selecionados pelo professor podem partir dos textos produzidos durante a **Primeira Interpretação**. Em seguida, o professor de Língua Portuguesa deve acordar com os professores das outras disciplinas um trabalho de consultoria a fim de que os alunos, divididos em grupos, possam contar com o auxílio e indicações bibliográficas mais especializadas. Depois, os alunos devem produzir cartazes ou uma sequência de slides que, posteriormente, serão apresentados no formato de seminário para outras turmas da escola.

Segunda interpretação

Segundo Cosson (2016, p. 92), “diferentemente da primeira interpretação, que busca uma apreensão global da obra, a segunda interpretação tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos.” Na segunda etapa de interpretação, temos o registro, oral ou escrito, dos resultados obtidos ao longo do processo de contextualização.

O seminário iniciado na **Contextualização Temática** é então apresentado pelos alunos, por meio da utilização de cartazes ou da projeção de slides, a depender da dinâmica acordada entre professores e alunos, para a comunidade escolar, podendo as apresentações serem feitas para outras turmas ou até mesmo para pais e/ou responsáveis, ultrapassando assim as paredes da sala de aula.

A fim de que os alunos possam compartilhar seus conhecimentos e vivências com a comunidade escolar, outra sugestão é a escrita de um ensaio em dupla sobre um dos

temas abordados na **Contextualização Temática** para a construção de um e-book da turma. Nesse caso, o professor deve mapear os temas e as duplas a fim de que não haja repetição na obra. Além disso, o professor pode propor que as duplas analisem os trabalhos umas das outras e apresentem sugestões de melhoria, se necessário.

Expansão

Essa etapa, que pode ocorrer em alternância com as anteriores, consiste na análise de relações textuais que a obra literária estabelece com outras materialidades discursivas ou o diálogo com outras que a antecederam.

Para essa etapa, sugerimos a leitura do poema intitulado *Era uma vez*, de Graça Graúna, e que funciona como uma epígrafe do romance de Daniel Munduruku (p. 04). É necessário observar tanto a relação que esse poema estabelece com o romance quanto a elaboração artística dele enquanto objeto literário próprio. A seguir, o professor poderá solicitar que os estudantes registrem individualmente as impressões que mais impactaram após o debate, podendo utilizar nesse momento mais uma vez o diário de leitura ou o caderno.

Outra opção é assistir ao documentário *Falas da Terra* (2021), produzido pela Rede Globo, a partir de consultoria do escritor indígena Ailton Krenak, que aborda a pluralidade e a luta dos povos indígenas brasileiros por meio do depoimento de 21 personalidades indígenas. Em seguida, o professor pode abrir um debate com os alunos acerca das inúmeras questões ali pontuadas, como preservação, memória, natureza, entre outros e a relação com a obra literária lida. A seguir, o professor deve solicitar aos alunos que, em duplas ou trios, elaborem uma resenha crítica do documentário, sintetizando as principais discussões colocadas em pauta pelos entrevistados.

Avaliação

Segundo Cosson (2016, p. 113) “é a leitura literária feita pelo aluno que está no centro do processo de ensino e aprendizagem, devendo a avaliação buscar registrar seus avanços para ampliá-los e suas dificuldades para superá-las”. Assim, longe de buscar respostas certas e erradas, ressaltamos que a construção da interpretação e o aprofundamento da leitura, por meio da sequência expandida apresentada, fomentarão o crescimento do aluno como leitor literário. Sugerimos que o acompanhamento do

processo seja vivenciado pelo professor em todas as etapas, verificando os avanços e as dificuldades dos alunos na realização das atividades, apresentando feedback contínuo.

Considerações finais

Ao refletir sobre o ofício do professor, Larrosa (2019) argumenta que a atividade docente deve se preocupar mais com o percurso destinado à aprendizagem e ao conhecimento em âmbito escolar, que em um resultado específico. Compreendemos, então, o saber como uma construção que se desenvolve muito mais no processo. Nesse sentido, quando sistematizado efetivamente nas aulas de literatura, o letramento literário é instrumento eficaz para o desenvolvimento do jovem leitor.

Assim, por meio da proposta apresentada neste trabalho, esperamos contribuir para uma formação literária mais rica e plural no âmbito do Ensino Médio em que ainda persiste a hegemonia dos clássicos. Almejamos também que vivenciar a leitura de *O Karaíba* possibilite tanto aos docentes quanto aos estudantes (re)descobrir e (re)conhecer a importância das relações de nosso povo com sua ancestralidade indígena.

Referências

- ALVES, Thiago Moessa. *Indígenas na Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Cenografia, Ethos Discursivo e Ideologia*. Presidente Prudente: Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP, 2021. 141p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. UNESP, 2021.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MUNDURUKU, Daniel. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009.
- MUNDURUKU, Daniel. *O Karaíba: uma história do pré-Brasil*. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

YUNES, Eliane. O Karaíba. *Taína: Literatura Infantil e Juvenil de Etnias Indígenas Brasileiras*. n. 5, 2019.

THIÉL, Janice. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. *Educação & Realidade*. 2013, v. 38, n. 4, pp. 1175-1189.